

JORGE, Lídia. *Contrato sentimental*. Lisboa: Sextante Editora, 2009. 187 p.



Em Setembro de 2009 vem à tona mais uma obra da renomada escritora portuguesa Lídia Jorge. A obra, dividida em dez capítulos, promove, através de um texto de carácter ensaístico, reflexões que giram em torno de um tema fulcral dentro da cultura e literatura portuguesas: a problemática da nacionalidade, do português no mundo, das relações do “eu” e do “outro”. O texto se inicia através de um relato de viagem, descobrindo algumas trivialidades, observa uma nação (no seu fulgor abstrato) inacessível, mas nem por isso deixa de notar que ela tem futuro. Estas afirmações são feitas através de um jogo comparativo entre a sociedade e o modo de ser do português, contrapondo-os aos aspectos mais singulares do espanhol, dos europeus, dos americanos e dos povos falantes da língua portuguesa. É importante frisar que esta temática – a nacionalidade – é deveras discutida por grandes figuras da literatura e cultura nacional, como, por exemplo, por Fernando Pessoa (“minha pátria é minha língua”) e Alexandre Herculano (acreditava que a utilização de linhas de caminho-de-ferro que atravessassem a Península promoveria a diluição de Portugal em Espanha).

Nota-se, no capítulo que trabalha especificamente a mobilidade, que a ideia de cosmopolitismo fraterno atribuída aos portugueses, advinda dos contatos feitos através das descobertas, está em vias de extinção, pura e simplesmente porque esta ideia distorcida foi incutida pelo Estado Novo e, mesmo permanecendo no nosso imaginário, desfaz-se com o enfrentamento da própria realidade portuguesa: agora não é apenas um país de partida (para os sonhos dos emigrantes) mas também como um porto de chegada de várias outras nacionalidades, que vêm em busca dos mesmos anseios dos portugueses além-mar.

Lídia Jorge expõe veementemente seu pensamento sobre o futuro de Portugal através da seguinte dicotomia: o país, num futuro próximo, seria mais educado, mais culto, mais cívico, mais crítico, mais próspero, mais miscigenado, mais solidário, mais justo; porém, se acaso tivesse um tempo a mais para pensar na questão, a autora acredita que não se admiraria se a sociedade portuguesa, a par desses progressos, se tornasse mais violenta, mais egoísta, mais injusta, mais passiva, mais sedentária, ainda mais pobre e burocrática. De certa forma, estas colocações refletem as inúmeras interpelações que a

sociedade portuguesa faz sobre si mesma e sobre suas possibilidades futuras. Será que o futuro de Portugal, como disse Fernando Pessoa, está além-mar?

O que efetivamente a autora faz no seu ensaio são conjeturas, a partir de suas vivências, cruzando-as com dados concretos que dispõe, através da sua imaginação e de sua escrita narrativizada, refletindo o futuro, a partir de um discurso que confronta o presente e o passado português que, necessariamente, é um passado que viola as barreiras da atualidade e insiste em penetrar na vivência do hoje na sociedade. O texto é uma constante reflexão (em torno de temáticas como, por exemplo, comunicação, imprensa, livro, língua, cidades e mitos), contrapondo o Portugal de hoje, que tem futuro, com um possível Portugal num futuro distante, tudo sempre analisado a partir da ótica do passado. Ou seja, em relação às entrelinhas do texto, configura-se uma abordagem saudosista-futurista dos aspectos analisados da sociedade e cultura portuguesas. Enquanto saudosista a escritora refere-se a vários assuntos (comunicação, escola, desenvolvimento) dentro da dicotomia passado *versus* futuro, tudo observado, claro, a partir de uma visão crítica e de colheita de alguns dados estatísticos referentes a Portugal e alguns países da União Europeia e da CPLP. Para a autora o passado (morto) é quem constrói o futuro (o hoje): “... neste mundo mandam mais os mortos do que os vivos, e isso é particularmente verdade no que diz respeito à urbanização e às cidades [...] O futuro das cidades fica preso às pedras e aos tijolos com os quais elas são construídas, e a cada fundação corresponde um projecto que parece destinado à eternidade [...] Casas, avenidas, igrejas, palácios são sonhos de outros, que por aqui andaram, e aqui estão de pé, agarrados à terra.” (Jorge, 2009, p. 152). Todavia, enquanto futurista, desdenha o passado (como naquela estética artística e literária surgida na Itália em 1910) e por si mesma projeta no futuro as inspirações do porvir, porque acredita que “a imaginação estabelece o seu próprio prazo de validade, e por essa razão o futuro só consegue ser amável até onde a nossa vista alcança” (Jorge, 2009, p. 149).

É neste tom, anunciado desde as citações que constam da capa, que esta obra de Lídia Jorge é de fundamental relevância para os estudos da cultura portuguesa e vem dar seu contributo para (re)pensar esta sociedade, a partir

de uma visão do macro (mundo globalizado) para o micro (mundo português). O contrato sentimental que há no texto é uma resposta às próprias interpelações da autora, não apenas sobre Portugal, mas sobretudo o mundo português. No levantamento breve nota-se que o vocábulo futuro é constantemente utilizado como quem almeja um outro país, que consiga sobreviver sem insistir tanto em olhar para o passado, todavia consiga enxergar a sua história passada apenas como um grande patrimônio cultural e não como único ato de sobrevivência da atual sociedade, porque se esta atitude e posicionamento não mudar,

acarretará uma grande problemática: “Nada nos garante que no futuro não existam portugueses que assumam sê-lo com orgulho, mas que se tornem indiferentes ao destino de um país chamado Portugal” (Jorge, 2009, p. 180).

FABIO MARIO DA SILVA

Doutorando em Literatura (Universidade de Évora /FCT)

Recebido: 03 de julho de 2010

Aprovado: 19 de setembro de 2010